

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

EMILY FABRIS

**A VINGANÇA SOB DUAS PERSPECTIVAS:
ANÁLISE COMPARATIVA DA VINGANÇA NAS OBRAS *HAMLET*, DE
WILLIAM SHAKESPEARE, E *ASSASSINATO NO EXPRESSO DO
ORIENTE*, DE AGATHA CHRISTIE**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR

2018

EMILY FABRIS

**A VINGANÇA SOB DUAS PERSPECTIVAS:
ANÁLISE COMPARATIVA DA VINGANÇA NAS OBRAS *HAMLET*, DE
WILLIAM SHAKESPEARE, E *ASSASSINATO NO EXPRESSO DO
ORIENTE*, DE AGATHA CHRISTIE**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Paula Camilotti

PATO BRANCO – PR

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Emily Fabris**

Título: **A vingança sob duas perspectivas: análise comparativa da vingança nas obras "Hamlet", de William Shakespeare, e "Assassinato no Expresso do Oriente", de Agatha Christie**

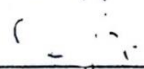
Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 26 / 11 / 2018 pela comissão julgadora:


Prof.^a **Dra. Camila Paula Camilotti – UTFPR Pato Branco**
Orientador(a) e Presidente da Banca


Prof. **Me. Leandro Zago – UTFPR Pato Branco**
Parecerista e Membro da Banca Examinadora


Prof.^a **Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco**
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:


Prof.^a **Ma. Rosângela Aparecida Marquezi**
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, professores e amigos que sempre estiveram ao meu lado e que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu concluísse essa etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pela vida, pela graça, pelo amor e pela oportunidade dada a mim, pois com a ajuda d'Ele eu pude continuar nessa jornada, com coragem e força sempre que precisei, e por mais esta vitória concedida.

Aos meus pais, Marli e Luiz, pelo encorajamento e força de todos os dias. Pelas palavras de ajuda e conforto, pelo amor de sempre, pela paciência e carinho com que me auxiliavam e me apoiavam a seguir este caminho, sempre me oferecendo uma palavra de ânimo e incentivo quando necessário.

Aos meus amigos e namorado, companheiro de muitos instantes, pelo apoio diário e por me proporcionarem momentos de alegria e encorajamento.

Agradeço a todos meus professores, em especial a professora Camila, pelo apoio a esta pesquisa e por todos os seus ensinamentos, todo o tempo que dedicou em me ajudar durante a realização deste trabalho.

Enfim, a todos que me ajudaram de forma direta ou indireta, que contribuíram para a elaboração deste trabalho, fica aqui meu muito obrigada.

“Mesmo a força às vezes tem de se curvar à sabedoria.” (RIORDAN, Rick, 2005)

“Even strength has to bow to wisdom sometimes.” (RIORDAN, Rick, 2005)

RESUMO

FABRIS, Emily. **A vingança sob duas perspectivas**: análise comparativa da vingança nas obras *Hamlet*, de William Shakespeare, e *Assassinato no Expresso do Oriente*, de Agatha Christie. 2018. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras – Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR Câmpus Pato Branco. Pato Branco, 2018.

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é comparar as obras *Hamlet* e *Assassinato no Expresso do Oriente*, escritas, respectivamente, por Shakespeare e Agatha Christie, sob a ótica da vingança. Pretende-se, nesta pesquisa, observar e analisar, por intermédio de excertos, as semelhanças e diferenças encontradas entre as duas obras no que tange, principalmente, os desdobramentos da vingança. Aponta-se, ainda, que a narrativa policial (romance policial) ocupa a posição da chamada narrativa de enigma e que o texto dramático se caracteriza como uma tragédia de vingança. Para isso, utiliza-se autores como Heliodora (2009), Esper (2009), Reimão (1983) e Massi (2011) que fundamentam e embasam esta pesquisa. Esta análise possibilitou a comparação entre as formas de planejamento da vingança nas duas obras literárias: Na peça teatral escrita por Shakespeare, Hamlet utiliza o teatro como instrumento para vingar-se do rei Cláudio, seu tio, que assassinou seu pai, o rei Hamlet, e agora usa sua coroa. Em *Assassinato no Expresso do Oriente*, por sua vez, a vingança é realizada pela família de Daisy Armstrong, vítima de um assassinato cometido por Casseti. Assim como Hamlet, a família de Daisy utiliza meios quase dramáticos e teatrais para realizar a vingança. A análise comparativa realizada neste trabalho mostra que, embora os dois textos pertençam a gêneros literários distintos, há, sim, entre eles um diálogo e esse estudo comparativo só vem a enriquecer ainda mais o universo literário.

Palavras-chave: Literatura Comparada; Hamlet; Assassinato no Expresso do Oriente; Vingança.

ABSTRACT

FABRIS, Emily. **Revenge from two perspectives:** comparative analysis of revenge in William Shakespeare's *Hamlet* and Agatha Christie's *Murder on the Orient Express*. 2018. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras – Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR Câmpus Pato Branco. Pato Branco, 2018.

The aim of this work is to compare the literary works of *Hamlet* and *Murder on the Orient Express*, written respectively by Shakespeare and Agatha Christie, from the perspective of revenge. In this research, it is intended to observe and analyze, through excerpts, the similarities and differences found between the two works in what concerns mainly the unfolding of revenge. It is also pointed out that the police narrative occupies the position of the so-called enigma narrative and that the dramatic text is characterized as a tragedy of revenge. For this, we use authors such as Heliodora (2009), Esper (2009), Reimão (1983) and Massi (2011), who substantiate and base this research. This analysis made it possible to compare the ways of revenge planning in the two literary works: In the play written by Shakespeare, Hamlet uses the theater as an instrument to avenge King Claudius, his uncle, who murdered his father, King Hamlet, and now he wears his crown. In *Murder on the Orient Express*, revenge is performed by the family of Daisy Armstrong, the victim of a murder committed by Cassetti. Like Hamlet, Daisy's family uses almost dramatic and theatrical means to perform revenge. The comparative analysis carried out in this work shows that, although the two texts belong to different literary genres, there is a dialogue between them and this comparative study only enriches the literary universe even more.

Keywords: Comparative literature; *Hamlet*; *Murder on the Orient Express*; Revenge.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA COMPARADA.....	13
2.2 GÊNERO DRAMÁTICO, O TEATRO E A TRAGÉDIA: CARACTERÍSTICAS DE <i>HAMLET</i> , DE WILLIAM SHAKESPEARE.....	16
2.3 O ROMANCE POLICIAL E O ROMANCE ENIGMA: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES DE <i>ASSASSINATO NO EXPRESSO DO</i> <i>ORIENTE</i> , DE AGATHA CHRISTIE	21
3 A VINGANÇA EM <i>HAMLET</i>, DE WILLIAM SHAKESPEARE, E EM <i>ASSASSINATO</i> <i>NO EXPRESSO DO ORIENTE</i>, DE AGATHA CHRISTIE	25
3.1 A VINGANÇA EM <i>HAMLET</i> , DE WILLIAM SHAKESPEARE.....	27
3.2 A VINGANÇA EM <i>ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE</i> , DE AGATHA CHRISTIE	32
4 ALGUMAS SEMELHANÇAS E DISPARIDADES ENTRE <i>HAMLET</i>, DE WILLIAM SHAKESPEARE, E <i>ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE</i>, DE AGATHA CHRISTIE	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca desenvolver uma análise comparativa acerca das obras *Hamlet*, peça teatral do célebre dramaturgo inglês William Shakespeare, e *Assassinato no Expresso do Oriente*, romance policial de Agatha Christie, escritora conhecida na esfera literária como a “Dama do Crime”, de acordo com Reimão (1983).

Shakespeare é considerado um dos maiores poetas e dramaturgos da Inglaterra e suas obras permanecem na atualidade, uma vez que retratam o ser humano e sua fragilidade, que vive em uma sociedade também enferma. Sua obra é notavelmente relevante para os estudos de literatura e interartes, uma vez que são frequentemente contextualizadas por intermédio do cinema e do teatro. Agatha Christie, por sua vez, se destaca na literatura por suas narrativas memoráveis, cujas tramas são construídas com engenhosidade e evidente criatividade. Suas obras também são constantemente adaptadas para o cinema e/ou televisão.

William Shakespeare, poeta, dramaturgo, ator, nasceu em abril de 1564, em Stratford Upon Avon no Reino Unido e faleceu em abril de 1616. Desde muito cedo suas obras têm sido popularizadas, visto sua genialidade ao escrever peças e sonetos que envolvem uma linguagem polida e refinada. Assim Shakespeare é um dos autores mais renomados, tanto da Renascença quanto da atualidade, demonstrando a grandiosidade deste no que se refere a seus escritos.

Agatha Christie, romancista, dramaturga, contista, nasceu em 15 de setembro de 1890, em Torquay no Reino Unido e faleceu em 12 de janeiro de 1976, em Winterbrook. A Dama do Crime escreveu diversos romances policiais, sendo muitos deles consagrados por serem inéditos na esfera literária. A autora demonstra, em suas obras, tramas envolventes sobre assassinatos que surpreendem e atraem os leitores para um mundo de investigações. Dessa forma, Agatha Christie é uma das mais aclamadas autoras de romances policiais, deixando claro sua vasta imaginação e habilidade como romancista.

Quanto às obras estudadas neste trabalho, vale dizer que *Hamlet* está entre uma das principais tragédias de Shakespeare. Escrita em 1598 e publicada em primeiro Fólio em 1623, *Hamlet* tem um enredo que gira em torno do desejo obsessivo de vingança do jovem príncipe da Dinamarca, Hamlet, pela morte de seu pai, o rei Hamlet. Como uma personagem notavelmente inteligente, sensata e reflexiva, Hamlet

utiliza estratégias para descobrir, de fato, como se deu o assassinato de seu pai e conseguir, enfim, vingar sua morte. A partir desse enredo, Shakespeare nos brinda com reflexões políticas, sociais, religiosas e morais acerca do próprio ser humano e da sociedade em que ele vive.

Com um enredo semelhante, o romance *Assassinato no Expresso do Oriente*, de Agatha Christie, publicado em 1934, narra a vingança da família Armstrong e seus amigos pela morte de Daisy Armstrong que, ainda criança, foi sequestrada e assassinada por Casseti, conhecido como Ratchett. Com uma trama misteriosa e envolvente e personagens cativantes e geniais, em que se destaca a figura de Hercule Poirot, por sua capacidade excepcional de desvendar assassinatos concebidos como indecifráveis, *Assassinato no Expresso do Oriente* gira em torno da tentativa de desvendar quem cometeu o assassinato de Casseti no “Expresso do Oriente”, trem que seguia viagem para Londres. Por intermédio desse enredo, no qual impera a vingança e suas funestas consequências, Agatha Christie, mediante seu narrador, parece conduzir o leitor a reflexões sobre justiça e moral de uma sociedade, exatamente como faz a personagem shakespeariana ao buscar a vingança pela morte de seu pai, o rei Hamlet.

A escolha por esse tema se deu pelo fato de acreditar que Shakespeare influenciou e tem influenciado diversos autores ao longo dos anos, demonstrando que suas peças e sonetos, escritos há quase cinco séculos, têm grande interferência na sociedade atual. Além disso, a definição do tema reflete acerca dos desdobramentos da vingança nos dois textos, observando de que forma a peça *Hamlet*, de Shakespeare, influenciou Agatha Christie na construção de seu enredo policial. Ademais, ambos os textos possibilitam o estudo comparativo entre dois gêneros distintos que possuem semelhanças e disparidades e deixam claro que o clássico intervém no atual.

Além disso, crê-se que esta pesquisa é importante pois pode contribuir com o campo de estudos literários, mais especificamente para o campo da literatura comparada, além de apresentar um estudo que abre uma nova visão sobre a influência da tragédia de *Hamlet* no romance policial de Agatha Christie.

Com base nisso, será dada ênfase na comparação dos desdobramentos da vingança em ambas as obras, observando as semelhanças e as disparidades que são apresentadas pelos dois autores, além de analisar e investigar outras correspondências e dissemelhanças nas duas obras, como por exemplo, a demora

em efetivar a vingança, a morte do rei Cláudio e de Cassetti, a relação entre os assassinatos do rei Hamlet e de Daisy Armstrong, dentre outras características.

Para isso, o texto divide-se em três partes, além desta primeira de apresentação e a de considerações finais. Tem-se, na primeira parte, uma breve revisão de literatura que conta com as definições de literatura comparada, gênero dramático e gênero romance policial e como essas questões se apresentam dentro das obras supracitadas. Dessa maneira, utiliza-se autores como Carvalhal (1986), Nitrini (2010), Pavis (2008), Heliodora (2009), Peixoto (1983), Ubersfeld (2005), Esper (2009), Lins (1953), Reimão (1983) e Massi (2011).

Na segunda parte discorre-se sobre a vingança e como ela se sucede em cada uma das obras. De modo a atingir tal objetivo, autores como Bernard (2010), Govier (2002), Miyashita (2013), Boyce (1990), Lanpher (2010), Massi e Cortina (2008), Aguiar (2001) e Massi (2015), serão utilizados para embasar essa parte.

Por fim, a terceira parte constitui-se da análise comparativa entre as obras *Hamlet* e *Assassinato no Expresso do Oriente*, atentando-se para os aspectos semelhantes e díspares da vingança e de outras características das duas obras literárias.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para embasar o estudo deste trabalho foram realizadas pesquisas sobre os conceitos de literatura comparada, de gênero dramático e de romance policial, visando compreender as características de cada um para que seja possível efetivar a análise comparativa entre a peça teatral *Hamlet*, de William Shakespeare, e o romance policial *Assassinato no Expresso do Oriente*, de Agatha Christie. Tais pesquisas apresentam-se a seguir.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA COMPARADA

Comparar obras literárias é uma estratégia que amplia o conhecimento sobre estas, sendo possível também, observá-las na condição de literaturas, sejam elas narrativas ou épicas, líricas e dramáticas, além de demonstrar a importância que elas têm perante a construção de um diálogo entre a interposição de uma obra à outra.

Em vista disso, a literatura comparada, então, “[...] designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas.” (CARVALHAL, 1986, p. 5). Desse modo, para que a literatura comparada aconteça, é necessário contrastar duas ou mais obras, observando se entre elas existem pontos convergentes e divergentes, pois “[...] a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação.” (CARVALHAL, 1986, p. 6).

Para Carvalho (1986, p. 6), “Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura. Por isso, valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente [...]”. Percebe-se, dessa maneira, que a realização da comparação entre duas ou mais coisas faz parte do cotidiano do ser humano, sendo que este é, então, um recurso utilizado por todos, nas mais diversas áreas de conhecimento.

Assim, a literatura comparada busca demonstrar as características em comum e díspares entre textos literários, tal como afirma Carvalho (1986, p. 7), “Compara,

então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes.”. Assim, consoante a autora, a literatura comparada possibilita comparar as obras literárias com o intuito de atingir os objetivos que são propostos. Dessa forma, tal como se observa nesta pesquisa, pretende-se comparar as semelhanças e divergências entre a temática da vingança em dois textos literários, além de atentar para fatos como o assassinato das personagens do rei Hamlet e de Daisy Armstrong, as mortes de Ofélia e Susanne, causadas por suicídio, além de outras características existentes nos enredos que possivelmente se assemelham e/ou se diferenciam.

Este trabalho busca demonstrar, à vista disso, que as obras *Hamlet* e *Assassinato no Expresso do Oriente*, de Shakespeare e Agatha Christie, respectivamente, possuem características em comum em relação ao seguimento da vingança do príncipe Hamlet e da família de Daisy Armstrong, mesmo que os textos literários em questão sejam de gêneros distintos, um drama (texto dramático) e um romance policial (romance enigma). Acredita-se que isso se dá, pois, em ambas as obras a vingança acontece a partir do assassinato de um ente da família: em *Hamlet*, a vingança acontece por causa do assassinato do rei Hamlet, e em *Assassinato no Expresso do Oriente*, ela existe em decorrência do assassinato de Daisy Armstrong e, conseqüentemente, do desencadeamento das mortes da mãe, do bebê que estava para nascer, do pai e da empregada. Assim, diante desses fatos, crê-se que a vingança presente nos enredos dos textos literários em questão resulta de uma busca por justiça.

Considera-se, a partir disso, que as obras possuem certos aspectos que podem ser correlacionados, visto que “Nada vive isolado, todo mundo empresta a todo mundo: este grande esforço de simpatias é universal e constante.” (CHASLES, 1983, p. 19 apud CARVALHAL, 1986, p. 10). Além de ser possível observar por intermédio de vários textos e obras que “[...] todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla.” (KRISTEVA, 1969, p. 146 apud CARVALHAL, 1986, p. 50).

Ainda, para Carvalhal (1986, p. 50-51):

O texto, portanto, é absorção e réplica a outro texto (ou vários outros). A análise dessa produtividade leva ao exame das relações que os textos tramam entre eles para verificar, como quer Gérard Genette, a presença

efetiva de um texto em outro, através dos procedimentos de imitação, cópia literal, apropriação parafrástica, paródia, etc.

Com base nas palavras da autora, acredita-se que o romance policial de Agatha Christie, *Assassinato no Expresso do Oriente*, possui características da vingança que estão presentes em *Hamlet*, de Shakespeare, além de conter outras características em comum a obra citada, como por exemplo a riqueza e o poder das personagens Cláudio e Cassetti, os planos bem elaborados de Hamlet e da família Armstrong e os assassinatos horrendos do rei Hamlet e de Daisy Armstrong. Pondera-se que, por um texto apreender de outros, “[...] o que era entendido como uma relação de dependência, a dívida que um texto adquiria com seu antecessor, passa a ser compreendido como um procedimento natural e contínuo de reescrita dos textos.” (CARVALHAL, 1986, p. 51).

Pressupõe-se, com isso, que:

[...] a tradição se desenha menos sobre as continuidades (a reprodução do "mesmo") do que sobre as rupturas, os desvios das diferenças. Modernamente o conceito de imitação ou cópia perde seu caráter pejorativo, diluindo a noção de dívida antes firmada na identificação de influências. Além disso, sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. Nem a colagem nem a alusão e, muitos menos, a paródia. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o reinventa. (CARVALHAL, 1986, p. 53-54).

Mediante a citação acima, é possível observar que Agatha Christie, em sua narrativa, parece fazer uma reinvenção, uma releitura do processo de vingança que Shakespeare desenvolveu ao escrever *Hamlet*, pois observa-se que, também utiliza-se de características próprias da tragédia, como por exemplo o tema central da vingança, o plano e a delonga na sua execução, entretanto Agatha Christie não deixa de utilizar-se de elementos próprios do romance policial, como a investigação de Poirot e as pistas no quarto de Cassetti, ou seja, a autora, em seu romance policial, parece recriar o cenário investigativo a partir de aspectos da tragédia de vingança de Shakespeare. Isso posto, ao atentar-se para o fato de que os textos literários supracitados dialogam de alguma forma, considera-se que “Apontar influências sobre um autor é certamente enfatizar antecedentes criativos da obra de arte e considerá-la um produto humano, não um objeto vazio.” (NITRINI, 2010, p. 130). Assim, as peças de Shakespeare continuam sendo estudadas e analisadas em comparação com

outras obras e contextualizadas para outros meios intermediários, como é o caso do cinema e da literatura, sempre sob novos aspectos e características, tal como a que se pretende realizar.

E por isso Nitrini (2010, p. 162-163) afirma que um texto está:

[...] para o ato da reminiscência (evocação de uma outra escrita) e para o ato da somação (a transformação dessa escritura). O livro remete a outros livros e, pelo processo de somação, confere a esses livros um novo modo de ser, elaborando assim a sua própria significação. Nessa perspectiva, o texto literário se apresenta como um sistema de conexões múltiplas [...].

Diante disso, é importante observar a construção de cada texto, tendo em vista o fato de que pertencem a gêneros literários distintos. Com efeito, no próximo tópico deste trabalho, aborda-se algumas questões referentes ao gênero teatral (texto dramático), no qual se insere *Hamlet*, de Shakespeare, e ao gênero romance policial, no qual se insere *Assassinato no Expresso do Oriente*, de Agatha Christie.

2.2 GÊNERO DRAMÁTICO, O TEATRO E A TRAGÉDIA: CARACTERÍSTICAS DE *HAMLET*, DE WILLIAM SHAKESPEARE

O texto dramático não é tão fácil de ser definido, pois Pavis (2008, p. 405) declara que “[...] a tendência atual da escritura dramática é reivindicar não importa qual texto para uma eventual encenação;”. Assim, crê-se que é possível encenar diversos textos, não apenas o dramático, que tem por finalidade própria ser encenado ou representado.

Pavis (2008, p. 109) ainda comenta que “Num sentido geral, o drama é o poema dramático, o texto escrito para diferentes papéis e de acordo com uma ação conflituosa.”. Partindo disso, observa-se que o texto dramático se concebe para a ação, ou seja, cria-se o texto dramático visando-se a encenação teatral deste.

Entretanto, não se pode:

[...] considerar o texto dramático como uma entidade fixa, diretamente acessível, compreensível de uma só vez. Na realidade, o texto só existe ao termo de uma leitura, a qual sempre está situada na história. Esta leitura depende do contexto social do leitor e de seu conhecimento do contexto do texto ficcional. (PAVIS, 2008, p. 405-406).

Percebe-se, desse modo, que o texto dramático não deve ser analisado sob aspectos simplistas, visto que ele deve considerar diversos conhecimentos que cercam a produção do texto.

Assim, Pavis (2008, p. 406) deixa claro que “O texto dramático é uma areia movediça, em cuja superfície são localizados periódica e diversamente sinais que guiam a recepção e sinais que mantêm a indeterminação ou a ambiguidade.”. Ou seja, o texto dramático possui certas particularidades, que são lidas e representadas de acordo com a interpretação de cada leitor e/ou ator, caso a peça escrita seja encenada. Tais particularidades envolvem as direções de palco (didascálias ou rubricas), separação de cenas e atos, lista das personagens. Além disso, os diálogos que constroem o texto dramático são compostos por ritmo, musicalidade, ironia, jogos de palavras que devem ser levadas em consideração no momento da leitura e, sobretudo, da interpretação do texto no palco. O texto dramático possui essas particularidades, pois foi escrito com o objetivo de ser encenado, embora ele também possa ser somente lido.

Partindo disso, essa representação do texto no palco pode ser denominada de teatro, visto que o teatro é a “[...] arte da representação [...]” (UBERSFELD, 2005, p. 1). Por conseguinte, assegura-se que o teatro se desenvolve através de um texto, tal como Peixoto (1984, p. 23) enuncia:

Um espetáculo de teatro, seja tragédia ou comédia, [...] pode ter como ponto de partida um texto escrito em seus mínimos detalhes. Com diálogos completos e indicações cênicas, expondo conflitos entre personagens perfeitamente delineados e narrando as relações que os homens estabelecem entre si em determinadas circunstâncias.

Baseando-se nisso, observa-se que o homem, por meio do texto dramático, teve a necessidade de representar, de teatralizar, o que vai ao encontro de Peixoto (1984), afirmando que o homem sente a necessidade de encenar, de jogar com o outro por intermédio do uso de máscaras, com as quais ele representa a si e a outros seres, ou seja, o homem tem ânsia de ser outro, de se disfarçar e encenar o que o outro é e faz.

Isso posto, considera-se que o surgimento do teatro se dá no momento em que há uma necessidade do homem de representar a si mesmo ou a outros seres, ou

seja, surge da precisão do homem de compreender e representar a realidade em torno de si. Dessa maneira:

[...] o teatro nasce no instante em que o homem primitivo coloca e tira sua máscara diante do espectador. Ou seja, quando existe consciência de que ocorre uma “simulação”, quando a representação cênica de um deus é aceita como tal: a divindade presente é um homem disfarçado. Aqui começa o embrião da noção de *ficção* e também da noção de *fazer arte*. (PEIXOTO, 1984, p. 15-16, grifos do autor).

O teatro desenvolve-se, então, como uma simulação, em que o homem representa o outro, sem deixar, no entanto, de demonstrar os valores sociais de cada época, visto que os dramaturgos escreviam peças em que manifestavam a realidade social, apresentando aos espectadores peças que tinham como cerne expor problemas sociais, familiares, dentre outros temas.

Assim, o teatro desenrola-se a partir da representação do homem que se baseia em textos dramáticos, os quais contemplam, como sabe-se, alguns gêneros distintos, sendo os principais, a tragédia, a comédia e a tragicomédia.

De acordo com Santos (2008), a obra poética de Shakespeare se divide em poesia lírica, poesia narrativa e poesia dramática, esta última refere-se as peças históricas, de comédia e tragédias. No que concerne este trabalho, dá-se foco principalmente ao gênero tragédia, visto que *Hamlet* está entre uma das principais peças trágicas de Shakespeare.

Em relação ao teatro de Shakespeare, Heliadora (2009, p. XIX) afirma:

Se o teatro tem como característica precípua o esclarecimento de comportamentos humanos, é por certo impossível negar a Shakespeare a supremacia entre os autores dramáticos de todos os tempos, pela amplitude de sua obra, como pela variedade e mescla de gêneros que lhe permitiu moldar sua dramaturgia segundo o tema a ser tratado [...].

No que se refere à tragédia, “[...] Shakespeare vai experimentar a tragédia de clima senecano, que deveria misturar o tom elevado da linguagem retórica com acontecimentos violentos e sangrentos, tirando desse complexo ensinamentos morais e de cidadania.” (HELIODORA, 2009, p. 24). Percebe-se, então, em *Hamlet*, a intrincada linguagem de que se utiliza Hamlet, como por exemplo na reflexão de Hamlet:

HAMLET: Ser ou não ser – eis a questão.
Será mais nobre sofrer na alma

Pedradas e flechadas do destino feroz
 Ou pegar em armas contra o mar de angústias –
 E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir; [...]. (SHAKESPEARE, 2017,
 Cena II, Ato III, p. 67).

Também se nota os acontecimentos violentos e sangrentos na peça mediante a efetivação da vingança, ao final da peça, em que acontecem as mortes da rainha Gertrudes, de Laertes, do rei Cláudio e de Hamlet. A partir disso, observa-se que Hamlet, consoante Heliodora (2009), cumpre com sua vingança, não apenas matando seu tio, o assassino de seu pai, mas também limpando a Dinamarca da podridão que estava presente após a morte do rei Hamlet, ou seja, Hamlet demonstra o caráter heroico da sua personagem, mostrando que a vingança ocorreu para que pudesse purificar o reino da Dinamarca do veneno de Cláudio. Assim, vê-se que Hamlet deseja que o povo saiba sobre o que o levou a essa tragédia, como segue no excerto:

HAMLET: [...] Eu estou morto, Horácio;
 Você vive. Explica a mim e a minha causa fielmente
 Àqueles que duvidem. (SHAKESPEARE, 2017, Cena II, Ato V, p.138).

Considera-se, também, conforme Santos (2008), que a tragédia shakespeariana deriva da influência das tragédias clássica e nativa. A primeira sendo a clássica, ou tragédia grega, em que se estima a vingança, a violência, o horror nas peças teatrais, além de contar com a retórica e com fantasmas, que auxiliam no desenvolvimento da trama. Com relação a tragédia nativa, essa desenvolve-se a partir da dramaturgia, que reflete sobre os mistérios e moralidades, e da ficção, que envolve a história de declínio de homens prestigiosos.

Com isso, *Hamlet* apresenta em seu enredo as características de ambas as tragédias, clássica e nativa, pois há a vingança, empreendida por Hamlet, a violência, por intermédio das mortes do rei Hamlet, de Polônio, Laertes, Gertrudes, Cláudio e Hamlet, o horror, atribuído ao assassinato do rei Hamlet, o fantasma, que clama pela vingança e a retórica, que conta com os mistérios da peça sobre o assassinato do rei Hamlet e com as reflexões morais apresentadas nos solilóquios de Hamlet.

Mediante isso, Heliodora (2009, p. 93), sobre a tragédia shakespeariana, afirma que:

Podemos dizer que a tragédia apresenta um processo de conscientização de um indivíduo, tanto em relação a si mesmo quanto em relação ao universo em que existe, atingido por intermédio de uma vivência dolorosa que o compele à reavaliação e o conduz à morte. Ela tem de ser também uma obra

de arte concebida como um todo – forma e conteúdo têm de ser equivalentes, indissociáveis.

Baseando-se nisso, percebe-se que após Hamlet tomar consciência sobre o assassinato de seu pai, que o deixa em luto por dois meses, este se dispõe a cumprir com a vingança, sem deixar, no entanto, de refletir sobre as intempéries da vida e as morais exigidas pela sociedade naquela época. Dessa maneira, Hamlet tem consciência sobre si e sobre o dever de purificar o desfortúnio que se estabeleceu em Elsinor posterior a morte do rei Hamlet.

Vê-se, então, que Shakespeare ao utilizar-se da tragédia desenvolveu um estilo próprio, o qual denominou-se tragédia shakespeariana e de acordo com Bradley (1937, p. 11), “Uma tragédia shakespeariana, até agora considerada, pode ser chamada de uma história de excepcional calamidade, que conduz à morte de um homem de alta condição.”¹.

Desse modo, *Hamlet* conta a história da degradação do reino da Dinamarca após a morte do rei Hamlet, visto que a descoberta do caos se inicia mediante a visita do fantasma do rei Hamlet ao seu filho, o príncipe Hamlet, que o alerta para a corrupção que assola o reino, após sua morte. A partir daí, todas as ações do jovem príncipe da Dinamarca são para vingar a morte do pai. Como consequência, uma série de fatalidades acontecem no reino, como a morte de Polônio, o suicídio de Ofélia e, no final, a morte do próprio príncipe. Consoante Heliadora (2009), observa-se, também, que a tragédia considera a sensação de perda com a morte do herói, concebendo assim que seria um desperdício Hamlet morrer por conta de sua rica personalidade. Portanto, a tragédia considera as falhas de caráter das personagens, além de compreender que a morte do herói seria um prejuízo.

Ademais, *Hamlet* se define por ser uma tragédia pois:

[...] percebemos que a natureza da situação trágica se fundamenta justamente no confronto entre os elementos que a compõem, ou seja, é no choque entre o caráter do herói e o destino contra o qual precisa lutar e ao qual finalmente terá que se submeter que se estende a tessitura da tragédia. (ESPER, 2009, p. 145).

Além disso, Heliadora (2009, p. 100) afirma que *Hamlet* é uma tragédia, pois “[...] seria uma metáfora da própria vida: a um homem é imposto uma tarefa que ele

¹ “A Shakespearean tragedy as so far considered may be called a story of exceptional calamity leading to the death of a man in high estate.” (BRADLEY, 1937, p.11).

Todas as traduções deste trabalho são de nossa autoria, exceto quando apresentado o contrário.

não buscou, mas da qual tem de se desincumbir, como a todos nós é dada a vida que temos de levar avante.”. Consta-se que Hamlet tem, então, a responsabilidade de vingar-se pela morte de seu pai, mesmo que ele não tenha procurado isso. Dessa forma, é imprescindível que ele cumpra com o desejo do fantasma do rei Hamlet, pois é a partir do pedido de vingança que Hamlet compreende qual é seu dever como filho e príncipe da Dinamarca.

Hamlet é considerada uma das tragédias mais longas de Shakespeare. Em conformidade com Santos (2008), a peça *Hamlet* teve três versões, sendo elas um quarto de 1603, um quarto de 1604 e um primeiro Fólho. Ainda de acordo com a autora, as edições mais frequentes contam com uma colagem do quarto de 1604 e do primeiro Fólho, e apresentam cerca de quatro mil e cinquenta linhas, dependendo da edição. A obra utilizada nesta pesquisa, traduzida por Millôr Fernandes, possui uma estrutura dividida em 5 atos, que possuem um total de 20 cenas, sendo que o primeiro ato conta com 5 cenas, o segundo com 2 cenas, o terceiro com 4 cenas, o quarto com 7 cenas e o quinto com 2 cenas.

Considerando tudo isso, acredita-se que a peça de Shakespeare, *Hamlet*, ao ser uma tragédia de vingança vai ao encontro da narrativa de Agatha Christie, no romance policial *Assassinato no Expresso do Oriente*, pois ambas possuem características como o tema central da vingança, além de serem obras de grande relevância na literatura de Língua Inglesa. A partir disso, será feita uma breve explanação sobre o gênero textual narrativa, mais especificamente sobre a narrativa policial, visto que é o gênero a qual pertence a narrativa de Agatha Christie.

2.3 O ROMANCE POLICIAL E O ROMANCE ENIGMA: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES DE *ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE*, DE AGATHA CHRISTIE

O romance policial foi criado por Edgar Allan Poe no final do século XIX, e sua principal característica é a presença de um detetive, o qual deve realizar uma investigação, muito frequentemente, acerca de um assassinato. Esse tipo de enredo é, segundo Massi (2011), o núcleo do romance policial.

Para Lins (1953), o romance policial seria um mundo privado, que tem suas próprias personagens, seus episódios, suas emoções, aspectos distintos dos quais se vive realmente. Assim, ainda para o autor, diante da leitura de um romance policial, constantemente, o leitor mergulha em um universo anormal, o universo do crime, existindo, dessa maneira, uma permutação entre o mundo real e o mundo fictício do romance policial, levando o leitor a se apaixonar pelo mistério, pela investigação, pelas charadas, além de propor um mundo em que qualquer pessoa pode praticar um crime.

O romance policial é, então, um mundo onde se desenvolve a trama de um crime, em que o detetive deve descobrir, por intermédio de pistas, quem é o criminoso, e a investigar como, de fato, aconteceu o crime. Assim, o detetive busca pistas que possam levá-lo às possíveis conclusões. O desenvolvimento do enredo do romance policial acontece à medida que o detetive vai resolvendo charadas e desvendando mistérios, encontrando pistas para descobrir o assassino e entender como o crime ocorreu. O leitor é envolvido nessa trama e, junto ao detetive, mergulha no mundo fictício de investigações e mistérios. A este propósito, Reimão (1983, p. 16) afirma que:

Ao lado dessa concepção de criminoso como um inimigo público, um inimigo social, veremos também que a figura do criminoso é patologizada. O criminoso é um doente mental. Sua razão é, às vezes, quase tão perfeita quanto a normal. Sua falha está nos sentimentos éticos e morais que, nele, estão deteriorados. Daí encontrarmos, às vezes, na narrativa policial, a idéia de “gênio do crime”, em oposição ao “gênio da justiça” (o detetive), [...].

Assim, percebe-se que o criminoso poderia vir a ter uma razão para cometer o crime, e é por intervenção do detetive, “gênio da justiça”, que o crime deve ser solucionado, contrapondo assim o criminoso ao detetive.

Desse modo, Massi (2011, p. 26, grifos da autora) relata que:

O romance policial destaca o percurso narrativo de dois sujeitos do fazer indispensáveis à trama: o sujeito-criminoso e o sujeito-detetive. Seus percursos são descritos paralelamente e se cruzam na última etapa, a da sanção, uma vez que a *performance* de detetive é uma sanção no percurso do criminoso. Dentro dessa configuração, há dois tipos de romance policial: o clássico, centrado na investigação do detetive sobre a identidade do criminoso; e o *thriller*, no qual a identidade do criminoso já é conhecida, mas é preciso saber se ele será ou não capturado pelo detetive e sancionado por um destinador-julgador (romance policial de perseguição). Assim pode-se dizer que o romance policial privilegia a fase da sanção e que o foco da narrativa é a *performance* do detetive, a investigação.

A partir disso, Agatha Christie em *Assassinato no Expresso do Oriente* deixa claro ser este um romance policial clássico, em que o famoso detetive Hercule Poirot irá investigar a identidade do criminoso. No entanto, apesar dessa obra poder ser considerada como um romance policial clássico, no que concerne a essa característica, Reimão (1983, p. 43-44), declara que:

Ao lado das obras que seguem francamente as correntes mais clássicas do romance enigma, é interessante notar que encontramos também, em Agatha Christie, obras que rompem com as regras consideradas básicas no gênero. [...] “Assassinato no Orient Express” rompe a regra 12, pois o crime é planejado e executado por vários personagens, exatamente 12.

Observa-se dessa maneira que Agatha Christie utiliza-se das características clássicas do romance policial, mas também não deixa de romper com estas, apresentando novas tramas que exaltam a grandiosidade de suas obras. No entanto, suas narrativas continuam a ter como núcleo o assassinato, visto que Lins (1953, p. 19) afirma que “[...] o verdadeiro núcleo do romance policial está no assassinato, que tem além de tudo o privilégio de colocar o leitor diante do mistério da morte, aquele que mais excita, inquieta e apavora a natureza humana.”.

Dentro do romance policial de Agatha Christie, encontra-se a figura do detetive Hercule Poirot, que é desafiado a solucionar o assassinato de Casseti, entretanto, o caso apresenta diversas obscuridades que precisam ser elucidadas no decurso da narrativa. A partir disso, nota-se que “[...] o detetive passa a atuar no reino do *provável*, e é preciso pensar não só no *plausível*, mas, em crimes inverossímeis, é preciso pensar em todas as probabilidades.” (REIMÃO, 1983, p. 76, grifo da autora). Isso constata-se no desenrolar da obra de Christie, pois Poirot tenta fazer com que seus companheiros, Bouc e o Dr. Constantine, observem as pistas e os depoimentos dos passageiros do trem, considerando todas as possibilidades.

De acordo com Massi (2011) o romance policial possui como característica principal a presença de três elementos: o crime, a vítima e a investigação. Em *Assassinato no Expresso do Oriente*, o crime se apresenta por intermédio da vingança da família e amigos de Daisy Armstrong, a vítima se configura na personagem de Casseti e a investigação ocorre ao longo de toda obra com os depoimentos dos passageiros.

Assassinato no Expresso do Oriente, diferentemente de *Hamlet*, estrutura-se em apenas três partes, nomeadas respectivamente em *Os fatos*, *Os testemunhos* e

Hercule Poirot para e pensa. Essas três partes subdividem-se, na tradução de Archibaldo Figueira, em trinta e dois subcapítulos, sendo que a primeira parte contém 8 subcapítulos, a segunda possui 15 e a terceira conta com 9 subcapítulos.

Dessa forma, percebe-se que, apesar de as obras de Shakespeare e Agatha Christie divergirem no que diz respeito ao gênero, ambas apresentam um enredo baseado na trama de uma vingança, que acontece por intermédio do seio familiar, ou seja, mediante as ações de Hamlet e da família Armstrong. Assim, pretende-se, agora, analisar a temática da vingança em ambas as obras, compreendendo quais motivos levam as personagens a se vingarem e como a vingança realmente é executada.

3 A VINGANÇA EM *HAMLET*, DE WILLIAM SHAKESPEARE, E EM *ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE*, DE AGATHA CHRISTIE

As obras aqui tratadas, *Hamlet* e *Assassinato no Expresso do Oriente*, têm como tema principal de seus enredos a vingança. Na peça de Shakespeare, a vingança acontece por intermédio das ações do príncipe Hamlet, que se vinga do rei Cláudio, que assassinou seu pai, o rei Hamlet. Já, no romance de Agatha Christie, o desenvolvimento da vingança acontece no trem Expresso do Oriente, onde a família e os amigos de Daisy Armstrong cumprem com o propósito de não deixar Casseti sair impune de seu crime, o assassinato de Daisy Armstrong.

A partir disso, observa-se que a vingança, em ambos os textos, envolve questões familiares. Em *Hamlet*, Cláudio assassinou o irmão, rei Hamlet, para usurpar o trono e casar-se com a rainha Gertrudes. Dessa forma, Hamlet busca a vingança contra aquele que arruinou sua família e, conseqüentemente, trouxe corrupção ao reino da Dinamarca. No caso de *Assassinato no Expresso do Oriente*, a vingança acontece contra Casseti, o homem que assassinou a pequena Daisy Armstrong e, como consequência, destruiu toda a família.

Para tanto, acredita-se ser necessário definir o conceito de vingança. No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a palavra vingança apresenta o seguinte significado:

[...] ato ou efeito de vingar (-se) 1 ato lesivo, praticado em nome próprio ou alheio, por alguém que foi real ou presumidamente ofendido ou lesado, em represália contra aquele que é ou seria o causador desse dano; desforra, vindita [...] 2 qualquer coisa que castiga; castigo, pena, punição [...]. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2864).

Mediante isso, a vingança seria uma forma de punir alguém que causou uma injúria e consoante Bernard (2010, p. 41):

A palavra vingança em inglês vem de uma antiga palavra francesa (revengier), ela mesma de uma raiz latina (vindicare). Revengier resulta em dois termos no francês moderno: vingança e revanche. A vingança (vingança propriamente dita) é uma retaliação que responde a uma ofensa e que equivale a um erro, a fim de restabelecer o equilíbrio da justiça. [...] a vingança dói devolvendo o mal feito pelo outro; [...]. Em vingança, esse outro é um ofensor, um inimigo;².

² The word revenge in English comes from an old French word (revengier), itself from a Latin root (vindicare). Revengier has given two terms in modern French: vengeance, and revanche. Vengeance

Crê-se, assim, que as personagens dos dois textos literários em questão estão tentando “restabelecer o equilíbrio da justiça”, visto que, tanto o rei Cláudio, assassino do rei Hamlet, quanto Cassetti, assassino de Daisy Armstrong, a princípio, saíram impunes dos crimes que cometeram, uma vez que o castigo vêm a eles ao longo dos enredos: ambas as personagens são vistas como inimigas e morrem no final.

Presume-se, dessa maneira, que a vingança nas obras *Hamlet* e *Assassinato no Expresso do Oriente* acontece para que Hamlet e a família e amigos de Daisy Armstrong, respectivamente, deem fim ao sentimento de injustiça pela morte dos entes queridos, além de conseguir atenuar os sentimentos de mágoa e dor. Isso vai ao encontro, então, do pensamento de Govier (2002, p. 2 apud TAI, 2010, p. 72) em que:

Buscar vingança é uma maneira de nos reafirmar, de tentar obter alívio da mágoa e humilhação de sermos injustiçados. Se uma pessoa ou grupo prejudicou outra pessoa, é comum que a vítima, a pessoa lesada, sinta raiva e ressentimento, levando ao desejo de "se vingar" ou "vingar".³

Pode-se dizer, assim, que ambas as obras buscam retratar o desejo das personagens por executarem a vingança a alguém que causou mágoas e saiu sem punição, sendo que esta vai acontecer apenas quando a vingança for, de fato, realizada. As personagens parecem buscar, de alguma forma, a justiça, pois Cláudio e Cassetti pertencem à classes sociais privilegiadas, fato que os auxiliou a livrarem-se da justiça, saindo livremente de seus crimes até a vingança ser executada.

Em *Hamlet*, Heliadora (2009) alega que o jogo do poder está presente em toda a obra, por mais que seja visto principalmente em personagens secundárias, como é o caso de Cláudio, pois é a sede de poder que o leva a cometer o assassinato do seu próprio irmão e a usurpação do trono da Dinamarca.

E como pode-se observar nos excertos subsequentes, dinheiro e poder não são inconvenientes para Cláudio e Cassetti, uma vez que Cláudio tem poder para

(revenge proper) is a retaliation, which responds to an offence, and renders a wrong for a wrong, in order to re-establish the balance of justice. [...] Revenge hurts by returning the wrong done by the other; [...]. In revenge, this other is an offender, an enemy; (BERNARD, 2010, p. 41).

³Seeking revenge is one way to reassert ourselves, to attempt to get relief from the hurt and humiliation of being wronged. If one person or group has wronged another, it is common for the victim, the injured party, to feel rage and resentment, leading to a desire to ‘get one’s own back’ or ‘get even.’ (GOVIER, 2002, p. 2 apud TAI, 2010, p. 72).

requisitar à Inglaterra para que assassine Hamlet, e Casseti possui dinheiro para contratar Poirot como detetive:

REI: [...] E tu, Inglaterra – se de algum modo te interessa minha amizade –
E minha extrema potência te aconselha a que assim queiras –
Pois ainda tens viva e sangrenta
A cicatriz que te deixou a espada dinamarquesa,
E, embora livre, o teu temor é homenagem a nós,
Não podes receber com frieza nossa decisão soberana,
A qual, por cartas que formalizam a exigência,
Conduz à morte imediata de Hamlet. [...]. (SHAKESPEARE, 2017, Ato IV,
Cena III, p. 100).

- Naturalmente! Mas trata-se, M. Poirot, de muito dinheiro – e repetiu, em tom macio, persuasivo -, muito dinheiro.
Hercule Poirot calou-se por um minuto ou dois, e observou:
- O que quer que lhe faça, Monsieur... Ratchett?
- M. Poirot, sou um homem rico. Um homem muito rico [...]. (CHRISTIE, 2017, p. 28).

Diante disso, pretende-se apresentar alguns fatos que comprovem que *Hamlet e Assassinato no Expresso do Oriente* têm suas tramas baseadas no desejo de executar a vingança contra pessoas que saíram impunes dos crimes que cometeram, sendo que “[...] para vingar-se de uma vingança causada por um assassinato, também é preciso cometer outro assassinato.”⁴ (MIYASHITA, 2013, p. 35). Assim, em ambas as obras se observa que a vingança é efetivada com o assassinato dos dois réus primários, o rei Cláudio e Casseti. Ademais, tenciona-se identificar características que se relacionam e como esse relacionamento acontece entre as obras.

Desse modo, apresenta-se a seguir uma análise sobre a vingança na obra *Hamlet*, de William Shakespeare, considerando os aspectos da tragédia de vingança e exemplos da peça sobre o enredo de vingança.

3.1 A VINGANÇA EM *HAMLET*, DE WILLIAM SHAKESPEARE

Hamlet é uma peça teatral que conta com o clamor do fantasma do rei Hamlet ao príncipe Hamlet, para que este cumpra a vingança contra o seu assassino, sendo

⁴ “[...] to exact revenge prompted by a murder, one also must commit another murder.” (MIYASHITA, 2013, p. 35).

que a esta seria, então, a punição do antagonista, que, nesse caso, é o rei Cláudio. A obra *Hamlet* caracteriza-se por ser uma tragédia de vingança, em conformidade com Heliodora (2009), pois, além do antagonista ser punido e destruído, até mesmo as pessoas inocentes, como Ofélia, morrem e também porque a peça possui em sua trama violência desmedida e diversas mortes, além da luta pelo poder, ambição, reflexão acerca da política, religião e sociedade.

Heliodora (2009, p. 103) descreve as principais características de uma tragédia de vingança:

1ª) a vingança é a principal ação da peça; temos de ver o que a provoca, como ela é planejada e sua execução; 2ª) a vingança é a causa da catástrofe: não pode aparecer depois da crise, tem de ser parte dela; 3ª) normalmente mostra fantasma(s) exigindo vingança; 4ª) há hesitação na execução da vingança; 5ª) há demora na execução, que não é repentina mas, sim, longamente planejada; 6ª) aparecem elementos de loucura real ou fingida e 7ª) a contra-intriga do antagonista é forte, bem armada e recebe considerável ênfase.

Percebe-se que *Hamlet* é uma das peças teatrais de Shakespeare que contempla todos esses elementos da tragédia de vingança, demonstrando a magnitude do dramaturgo inglês. Observa-se que a primeira característica descrita por Heliodora (2009) apresenta-se em *Hamlet* mediante a descoberta do assassinato do rei Hamlet, que é o que provoca o desejo de vingança, e o planejamento de Hamlet para executá-la, no que compreende-se que este opta por averiguar se é verdade o que o fantasma lhe contou até, por fim, executar a vingança. Para isso, Hamlet se utiliza de uma peça teatral, realizada por artistas que visitam Elsinor, para certificar-se que o fantasma do rei Hamlet estava falando a verdade, ou seja, a peça a ser encenada pelos artistas deve representar o modo como se sucedeu o assassinato do rei Hamlet.

A segunda característica pode ser vista mediante todas as catástrofes que seguem a trajetória da vingança, pois a partir da queda do herói há uma sucessão de fatos que o levam a derrota e a própria ruína. Isto confirma-se de acordo com Esper (2009, p. 149), pois:

[...] é o prolongamento da execução da vingança, sua dilatação temporal, que possibilita o surgimento das novas situações e acontecimentos complicadores [...] é a contenção da fúria vingativa que acaba por extravasar-se de maneira impulsiva e deslocada na morte acidental do conselheiro Polônio, confundido por Hamlet com seu tio Cláudio, e que dessa forma acarreta a subsequente loucura de Ofélia, após a morte do pai, e a busca de

vingança contra o príncipe por parte de Laertes, também filho do conselheiro. (ESPER, 2009, p. 149).

Como observado anteriormente, a terceira característica manifesta-se pela figura do fantasma do rei Hamlet, que vem ao encontro de Hamlet para reivindicar a vingança pela sua morte, pois esta foi uma calamidade e o assassino, rei Cláudio, não deve sair impune.

Percebe-se que há hesitação na execução da vingança, pois Hamlet, quando Cláudio está rezando, reflete sobre assassiná-lo ali ou não, visto que o príncipe acredita que se matá-lo enquanto reza o tio irá para o céu, por isso decide adiar a execução desta para esperar um momento em que a alma do rei Cláudio esteja mais impura.

A quinta característica é descrita ao longo do enredo, demonstrando o planejamento de Hamlet para executar a vingança, como por exemplo o uso dos atores para demonstrar a Cláudio que sabe a verdade sobre o assassinato de seu pai.

Hamlet apresenta em sua personagem traços de loucura fingida, visto que esse é um dos artifícios utilizados pelo príncipe para não demonstrar que o fantasma do rei Hamlet clamou por vingança e também para não revelar seu plano para executá-la contra o rei Cláudio.

A sétima característica é vista por intermédio da figura do antagonista, o rei Cláudio, pois a maneira como Cláudio age contra Hamlet é muito forte, posto que manipula todos ao seu redor para acreditarem em sua palavra, sendo visto isso principalmente nas personagens de Laertes, Rosencrantz e Guildenstern, que o obedecem cegamente.

Tudo isso vai ao encontro do conceito de peça de vingança elaborado por Boyce (1990, p. 534):

[...] um drama de retribuição no qual um mal é vingado - e muitas vezes a própria vingança retribuída - em uma série de atos sangrentos e horríveis. Muitas vezes chamadas de filmes de terror do seu tempo, as peças de vingança tinham a intenção de serem espetaculares eventos teatrais e eram extremamente populares. No palco, elas geralmente apresentavam assassinatos e mutilações físicas, insanidade (ou insanidade fingida) e visitas sobrenaturais, todas encenadas em um estilo de bravura colorido por imagens extravagantes e retórica ousada.⁵

⁵ a drama of retribution in which an evil is avenged—and often the vengeance itself repaid—in a series of bloody and horrible deeds. Often called the horror movies of their time, revenge plays were intended to be spectacular theatrical events, and they were extremely popular. On stage they typically featured murders and physical mutilations, insanity (or feigned insanity), and supernatural visitations, all enacted in a bravura style coloured by extravagant imagery and bold rhetoric. (BOYCE, 1990, p. 534).

Percebe-se, desse modo, que Shakespeare ao escrever *Hamlet* trouxe características fundamentais para uma tragédia de vingança, pois no texto há a presença de elementos desta, de seres sobrenaturais, de violência, de loucura, dentre outros. Assim, *Hamlet* desenvolve-se dentro de um enredo próprio de vingança. Esse enredo caracteriza-se assim em razão da busca da execução da vingança de Hamlet pelo assassinato de seu pai.

De acordo com Miyashita (2013, p. 76) a vingança de Hamlet “[...] é regulada para ser justa pelas palavras do Fantasma, e também pela construção da peça (da infecção à purgação).”⁶. Percebe-se, a partir disso, que ela não acontece apenas por causa do assassinato do rei Hamlet, mas também como uma forma de retirar de Elsinor o que há de pútrido.

Miyashita (2013, p. 36, grifo da autora) ainda afirma que “*Hamlet* é uma tragédia de vingança, mas ao contrário das outras tragédias de vingança, o assassinato que provoca a vingança já foi cometido antes do início da peça. E isso afeta a estrutura da peça e a condição mental de Hamlet também.”⁷. Isso, pois, de acordo com a autora, a obra já inicia demonstrando que a Dinamarca vive um período de corrupção, já que houve o assassinato do rei Hamlet pelo próprio irmão, e mesmo Hamlet chega a afirmar que “Nem tudo está bem;” (SHAKESPEARE, 2017, Cena II, Ato I, p. 27).

A partir do momento em que Hamlet descobre sobre o fantasma de seu pai, e que a morte dele não aconteceu por causas naturais, como tinha-se contado a toda Dinamarca, vê-se que ele “[...] descobre que sua vida [...] é para a vingança e para a purificação do mundo. Ao mesmo tempo, seu discurso implica em um nível autoral mais profundo que ele deve perder sua vida quando a vingança é cumprida.”⁸ (MIYASHITA, 2013, p. 41).

Observa-se, dessa maneira, que Hamlet prioriza a vingança pelo assassinato de seu pai, e que todas as outras coisas se tornam insignificantes, assim, comprova-se no consecutivo excerto:

⁶ His revenge is regulated to be fair by the words of the Ghost, and also by the construction of the play (from infection to purgation). (MIYASHITA, 2013, p. 76).

⁷ *Hamlet* is a revenge tragedy, but unlike the other revenge tragedies the murder which brings about the revenge has already been committed before the play begins. And this affects the play's structure and the mental condition of Hamlet as well. (MIYASHITA, 2013, p. 36, grifo da autora).

⁸ He now learns that his life, which had been nothing to him, is for the revenge and for the purgation of the world. At the same time, his speech implies at a deeper authorial level that he must lose his life when the revenge is fulfilled. (MIYASHITA, 2013, p. 41).

HAMLET: [...] Ah, pobre fantasma, enquanto a memória tiver lugar neste globo alterado. (*Toca a cabeça.*) Lembrar de ti! Ouve, vou apagar da lousa da minha memória Todas as anotações frívolas ou pretenciosas, Todas as ideias dos livros, todas as imagens, Todas as impressões passadas, Copiadas pela minha juventude e observação. No livro e no capítulo do meu cérebro Viverá apenas o teu mandamento, Sem mistura com qualquer matéria vil. Sim, pelo céu! (SHAKESPEARE, 2017, Cena V, Ato I, p. 38).

Desse mesmo modo, Lanpher (2010, p. 173) reitera que “Para Hamlet, o dever de realizar a vingança que seu pai anseia lhe dá um propósito maior; tudo o mais é “trivial” e “questão básica”.⁹ Percebe-se que, doravante a descoberta do assassinato do rei Hamlet, o objetivo de Hamlet torna-se efetivar a vingança, deixando de lado até mesmo o amor que sente por Ofélia.

Assim, durante toda a obra, Hamlet trama sua vingança contra o tio, a fim de vingar o assassinato do pai e limpar o reino da Dinamarca da mentira que se instaurou quando o rei Cláudio assumiu o trono e desposou a mãe de Hamlet. Observa-se, dessa maneira, que:

Hamlet não é, portanto, aquele que destrutura a ordem do mundo, mas aquele que precisa restaurá-la. É dele que as forças ocultas que regulam a desmedida dos homens (que nesse caso tomam a forma de um espectro, o fantasma de seu pai) exigem uma atitude reparadora: limpar a Dinamarca de toda a podridão e corrupção que a assola como um cancro, e que se aglutinam em torno da figura de Cláudio. (ESPER, 2009, p. 146).

Assim sendo, é por intermédio da vingança que Hamlet, de certa forma, tentará expurgar a corrupção que assola o reino da Dinamarca. É com a morte do rei Cláudio que o reino terá, enfim, sido livrado da devassidão que tomava conta de todos que comungavam com ele.

De acordo com isso tudo, observa-se que a peça teatral de *Hamlet* demonstra o desejo e a efetivação da vingança, tal como será visto no próximo tópico sobre a vingança em *Assassinato no Expresso do Oriente*, sendo que desta forma compreende-se que a temática da vingança esta presente em ambas as obras.

⁹ For Hamlet, the duty to perform the revenge his father craves gives him a higher purpose; all else is ‘trivial’ and ‘baser matter.’ (LANPHER, 2010, p. 173).

3.2 A VINGANÇA EM ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE, DE AGATHA CHRISTIE

Assassinato no Expresso do Oriente é uma narrativa caracterizada como pertencente ao gênero romance policial, mas pode ser distinguida mais especificamente como um romance de enigma. Assim, para Reimão (1983, p. 23-24):

No romance enigma, a primeira história (a do crime) não estando imediatamente no livro, as investigações (e a narrativa) começam após o crime, presente na narrativa através da narração dos personagens diretamente envolvidos nele; a segunda história (a do inquérito ou investigação) é o espaço onde os personagens, especialmente o detetive e o narrador, não agem, mas simplesmente detectam e investigam uma ação já consumada.

Dessa maneira, na narrativa analisada, percebe-se que a trama gira em torno da investigação de Poirot para descobrir quem assassinou Casseti. Assim, de acordo com Lins (1953, p. 18):

Encontra-se no enigma o comêço do romance policial; a estrutura do seu enredo está justamente na presença de um segredo a descobrir e revelar. E o enigma é necessariamente um crime pouco ou nada comum, cercado de circunstâncias misteriosas que deixam perplexo o leitor e, a princípio, o próprio detetive.

A partir disso, constata-se que o crime cometido no trem Expresso do Oriente, não é um crime comum, visto que a vítima foi golpeada 12 vezes e há diversas pistas encontradas por Poirot, para que o caso seja desvendado. Entretanto, é com base em uma das pistas encontradas, num resquício de uma carta queimada, que Poirot descobre a verdadeira identidade da vítima, Ratchett é na verdade Casseti, um sequestrador e assassino, o que leva o detetive a uma investigação que provará que o assassinato de Casseti foi na verdade a execução de uma vingança.

Diante disso, Massi e Cortina (2008, s.p.) consideram que “No percurso do criminoso a performance é o crime realizado e motivado por alguma paixão, seja ela simples ou complexa, que pode ser representada pela vingança, pelo ciúme, pela ganância etc.”, e que, por conseguinte, em *Assassinato no Expresso do Oriente*, “A vingança, portanto, é a paixão motivadora desse assassinato, ou seja, foi ela que manipulou os doze sujeitos a se tornarem criminosos.” (MASSI; CORTINA, 2008, s.p.).

Percebe-se, nessa obra, que o assassinato de Casseti foi perfeitamente planejado, visto que todos os passageiros do trem encenam, de alguma forma, sobre quem são, ou seja, eles teatralizam o plano de vingança, sendo então o plano elaborado pela família de Daisy Armstrong e seus amigos, pois Casseti escapara da justiça e fugira dos Estados Unidos, mudando seu nome e permanecendo sigiloso sobre seus crimes na América.

Acredita-se, dessa maneira, que:

É o impulso de corrigir um erro do passado por parte do sistema de justiça que leva os doze passageiros a assassinar Casseti em *Assassinato no Expresso do Oriente*. Dadas as semelhanças logísticas do esquema de assassinato com a justiça convencional que não cumpriu seu papel (doze carrascos servindo no lugar de doze membros do júri), pode-se argumentar que os assassinos procuraram retornar a um passado no qual Casseti deveria ter sido punido por um sistema legal confiável. (AGUIAR, 2011, p. 7).¹⁰

Conforme observa-se no excerto precedente, Casseti não fora punido enquanto estava sendo julgado nos Estados Unidos, o que levou a família Armstrong e seus amigos a cumprir a condenação que não ocorreu por intermédio da justiça.

Assim, Massi (2015) afirma que, nesse romance de Agatha Christie, Casseti foi punido pela própria família Armstrong, isto porque o crime que ele cometeu foi contra a pequena Daisy. Entretanto, a história do sequestro e assassinato da menina é contada apenas pelas personagens, que relatam a história com a finalidade de justificar o assassinato que cometeram.

Observa-se que no romance policial *Assassinato no Expresso do Oriente*, a vingança se justifica, então, como uma forma de aniquilar um ser que causou muito sofrimento, não apenas à família de Daisy Armstrong, mas também a uma outra família, como constata o seguinte excerto:

Não apenas devido ao fato de ter sido ele o responsável pela morte da minha filha e neta, como também de uma criança que estaria viva agora. Houve mais do que isso. Houve outra criança antes de Daisy... poderia haver outras no futuro. A sociedade já o condenara; apenas cumprimos a sentença. (CHRISTIE, 2017, p. 196).

¹⁰ It is the drive to correct a past mistake on the part of the justice system that leads the twelve passengers to murder Casseti in *Murder on the Orient Express*. Given the logistical similarities of the murder scheme to the conventional justice that failed to do its job (twelve executioners serving in lieu of twelve jury members), one could argue that the murderers sought to return to a past in which Casseti should have been punished by a reliable legal system. (AGUIAR, 2011, p. 7).

Corroborando isso, Massi (2015) declara que a investigação realizada por Poirot revela que os 12 passageiros do trem apunhalaram a vítima, sendo, por conseguinte, todos culpados pela ação cometida, no entanto, por ser um crime realizado contra um homem que havia sequestrado e assassinado uma garotinha, a autora crê tratar-se de uma punição, uma vingança. Diante disso, por saber-se tratar de uma vingança, os passageiros não são acusados de terem cometido o assassinato.

Nota-se, portanto, que a obra *Assassinato no Expresso do Oriente*, tem seu enredo baseado na busca da vingança do assassinato da pequena Daisy Armstrong e da morte de seus pais, preservando a sociedade de outra tragédia como a que aconteceu com a família Armstrong.

Assim, ao observar-se a vingança em cada obra, objetiva-se agora realizar a comparação das duas obras, de Shakespeare e de Agatha Christie. Desse modo, tenciona-se comparar a vingança nas duas obras, atentando-se para os pontos convergentes e divergentes, além de ponderar outros aspectos comuns e díspares das obras como as mortes do rei Hamlet e de Daisy, de Ofélia e Susanne, o desencadeamento de mortes após o assassinato de Polônio e Daisy, entre outros pontos que podem ser correlacionados entre a tragédia de Shakespeare e o romance policial de Agatha Christie.

4 ALGUMAS SEMELHANÇAS E DISPARIDADES ENTRE *HAMLET*, DE WILLIAM SHAKESPEARE, E *ASSASSINATO NO EXPRESSO DO ORIENTE*, DE AGATHA CHRISTIE.

A primeira característica a ser tratada é a vingança. Percebe-se que ambas as obras têm em comum o desenvolvimento da trama baseado no desejo de vingança. Em *Hamlet*, o ato da vingança é executado pelo príncipe Hamlet, que se vinga do assassinato de seu pai, o rei Hamlet, que foi envenenado por Cláudio, irmão do rei e tio do príncipe. Já em *Assassinato no Expresso do Oriente*, os desdobramentos da vingança se dão por intermédio da família da pequena Daisy Armstrong, que foi raptada e assassinada enquanto criança, sendo que dessa tragédia desencadearam-se as mortes da mãe, que estava grávida quando ocorreu o rapto e assassinato, do pai e de uma empregada, além da morte da criança que nascendo prematura não resistiu. Desse modo, observa-se que a vingança é um ponto convergente, pois ela é realizada por pessoas da família dos assassinados, o rei Hamlet e Daisy Armstrong.

Além de ambas as obras terem como tema principal a vingança, em *Hamlet* o tema se revela na demanda do rei Hamlet, já em *Assassinato no Expresso do Oriente*, há também o desejo de vingar o assassinato e morte da família, ou seja, na primeira obra constata-se a reivindicação da vingança pelo fantasma do rei Hamlet, ao mesmo tempo em que, na segunda obra há a exigência da efetivação da vingança por parte dos 12 passageiros. O que pode ser verificado nos seguintes trechos:

FANTASMA: Não desejo pena, só teu ouvido atento
Ao que vou revelar.

HAMLET: Fala: estou pronto pra ouvir.

FANTASMA: E também pra me vingar, depois de ouvir. [...]

FANTASMA: Vinga esse desnaturado, infame assassinato. [...]

HAMLET: Me conta tudo logo, pra que eu,

Mais rápido do que um pensamento de amor,

Voe para a vingança. (SHAKESPEARE, 2017, Cena V, Ato I, p. 35).

- Decidimos então... talvez estivéssemos loucos, não sei... que levaríamos a cabo a sentença da qual Cassetti escapara. (CHRISTIE, 2017, p. 195).

Como pode-se notar, na obra de Shakespeare, o fantasma do rei Hamlet clama pela vingança do seu assassinato, para que essa seja consumada por seu filho Hamlet, ao passo que na obra de Agatha Christie, é a família e amigos que decidem vingar-se de Cassetti.

Outra característica em comum é o fato de ambas as obras despendem de um longo tempo para a execução da vingança, pois as duas revestem-se de planos longamente planejados. Na obra de Shakespeare, Hamlet tem oportunidade de consumir a vingança, no entanto, não a efetiva, levando, assim, o enredo a ter cinco atos a fim de que a vingança seja concluída. Isso afirma-se no discurso de Heliodora (2009), pois foi apenas após um longo tempo que as pessoas começaram a se questionar sobre a demora de Hamlet para executar a vingança, sendo que, desse modo, Hamlet se torna culpado pela procrastinação para cumprir com a vingança, além de fazer com que outras tragédias se desencadeiem.

Assim, verifica-se no excerto da obra de Shakespeare que o próprio Hamlet se sente culpado pela demora em realizar a vingança:

HAMLET: [...] Ó, vingança!
 Mas que asno eu sou! Bela proeza a minha.
 Eu, filho querido de um pai assassinado,
 Intimado à vingança pelo céu e o inferno,
 Fico aqui, como uma marafona,
 Desafogando minha alma com palavras,
 Me satisfazendo com insultos; é; como uma meretriz;
 Ou uma lavadeira! (SHAKESPEARE, 2017, Cena II, Ato II, p. 64).

Enquanto que no romance policial de Agatha Christie, a vingança é planejada há um longo tempo, como observa-se nos seguintes excertos, em que se observa, respectivamente, Poirot e Mrs. Hubbard:

Tenho um palpite, meu caro amigo, que este crime foi cuidadosamente planejado. É um crime longamente premeditado, até mesmo ensaiado. (CHRISTIE, 2017, p. 112).

Levou muito tempo para aperfeiçoar o plano. (CHRISTIE, 2017, p. 195).

Entretanto, apesar de as obras possuírem essa relação, em *Hamlet*, o príncipe Hamlet tem uma oportunidade de executar a vingança, matando o rei Cláudio, a medida que em *Assassinato do Expresso do Oriente* não se tem a possibilidade de efetuar a vingança a não ser no momento em que Casseti é levado a viajar no trem Expresso do Oriente. Como pode-se observar nos excertos dos respectivos textos:

HAMLET: Eu devo agir é agora; ele agora está rezando.
 Eu vou agir agora – e assim ele vai pro céu;
 E assim estou vingado – isso merece exame. [...]
 Não.
 Para espada, e espera ocasião mais monstruosa!
 Quando estiver dormindo bêbado, ou em fúria,
 Ou no gozo incestuoso do seu leito;

Jogando, blasfemando, ou em qualquer ato
Sem sombra ou odor de redenção.
Aí derruba-o, pra que seus calcanhares deem coices no céu, [...] (SHAKESPEARE, 2017, Cena III, Ato III, p. 86).

Tendo Pierre Michel trabalhando no trem, a oportunidade era boa demais para ser perdida. (CHRISTIE, 2017, p. 195).

De acordo com Esper (2009, p. 147-148), a demora em Hamlet para se vingar se justifica pelo fato de existir a:

[...] imersão do príncipe numa época de transição entre uma mentalidade ainda com resíduos medievais, e por isso supersticiosa e mística, e a mentalidade moderna, já com indícios do ceticismo crítico e da racionalidade que, construindo-se lentamente nos quase três séculos que antecedem o de Shakespeare, encontra seu ápice no cartesianismo do século XVII.

Diferentemente de *Assassinato no Expresso do Oriente*, *Hamlet* demonstra essa mentalidade em transição, enquanto que no romance de Agatha Christie, a mentalidade crítica já está formada, levando a família de Daisy Armstrong a não se delongar, quando tem oportunidade, na execução da vingança.

Consecutivo a isso, também acredita-se que as obras se relacionam pelo fato de os assassinatos do rei Hamlet e de Daisy Armstrong precederem os enredos destas, ou seja, em nenhuma das obras há a narração do assassinato de ambas as personagens citadas previamente. Apesar de não serem relatados os assassinatos do rei Hamlet e de Daisy Armstrong, ambos são apresentados, pelo fantasma do rei Hamlet e por Hercules Poirot, como homicídios horrendos, como constata-se:

FANTASMA: [...] Teu tio entrou furtivamente, trazendo, num frasco,
O suco da ébona maldita,
E derramou, no pavilhão de meus ouvidos,
A essência morfética
Que é inimiga mortal do sangue humano,
Pois, rápida como o mercúrio, corre através
Das entradas e estradas naturais do corpo;
E, em fração de minuto, talha e coalha
O sangue límpido e saudável,
Como gotas de ácido no leite. Assim aconteceu comigo;
Num segundo minha pele virou crosta leprosa,
Repugnante, e me surgiram escamas purulentas pelo corpo.
(SHAKESPEARE, 2017, Cena V, Ato I, p. 37).

[...] Viviam na América e só tinham uma filha, que idolatravam. Aos três anos, a menina foi sequestrada. Pediram de resgate uma soma quase impossível de se obter. Não os aborrecerei com detalhes. Vou logo ao momento em que, pago o resgate, a enorme quantia de duzentos mil dólares, apareceu o corpo da criança. Havia sido morta 15 dias antes. O povo todo ficou indignado. Mas o pior estava por vir. Mrs. Armstrong esperava outra criança, e, devido ao

choque, deu à luz, prematuramente, uma criança morta. Ela morreu também. Seu marido, com o coração em pedaços, se matou. (CHRISTIE, 2017, p. 57).

É possível, também, correlacionar as obras no que diz respeito ao uso da dramatização/encenação das personagens. Em *Hamlet*, observa-se que há atores que chegam ao castelo de Elsinor e que a pedido do príncipe Hamlet fazem a encenação de uma peça, a qual deve representar o assassinato do rei Hamlet, pois Hamlet acredita que ao assistir a representação, o rei Cláudio irá, de alguma forma, confessar que foi o assassino do próprio irmão, como pode verificar-se nos seguintes excertos:

HAMLET: [...] Escuta, velho amigo, vocês podem representar “O Assassinato de Gonzaga”?

PRIMEIRO ATOR: Sim, meu senhor.

HAMLET: Então quero essa peça amanhã. E você poderá, se necessário, decorar uma fala de doze ou dezesseis versos escritos por mim e intercalá-los na peça?

PRIMEIRO ATOR: Sim, meu senhor. (SHAKESPEARE, 2017, Cena II, Ato II, p. 62).

HAMLET: [...] Maldição! Oh! Trabalha, meu cérebro! Ouvei dizer
Que certos criminosos, assistindo a uma peça,
Foram tão tocados pelas sugestões das cenas,
Que imediatamente confessaram seus crimes;
[...] Farei com que esses atores
Interpretem algo semelhante à morte de meu pai
Diante de meu tio,
E observarei a expressão dele quando lhe tocarem
No fundo da ferida. (SHAKESPEARE, 2017, Cena II, Ato II, p. 64).

Em *Assassinato do Expresso do Oriente* observa-se que os passageiros do Expresso do Oriente dissimulam sobre quem são realmente, visto que assim, por intermédio da omissão de suas identidades, ocultando a ligação com Daisy Armstrong, e do plano elaborado para vingarem-se de Casseti, conseguiriam sair impunes do ato de vingança que cometeram, pois todos eles forneceriam álibis uns aos outros. Dessa maneira, todos os passageiros, ao serem interrogados, constroem uma trama em que o assassino não é nenhum deles, ou seja, “encenam” uma “peça” para que Poirot pense que o assassino fugiu do trem. Assim vê-se nos seguintes trechos de Poirot:

- Quero dizer que o assassino arranjou tudo para que parecesse trabalho de alguém de fora. A polícia presumiria que o criminoso deixara o trem em Brod, aonde deveríamos chegar à 0h58. Alguém teria passado por um condutor diferente no corredor. O uniforme teria sido deixado num lugar determinado, de modo a mostrar como foi o truque. Nenhum dos passageiros seria suspeito. Mas esta é apenas a maneira pela qual o crime foi planejado: para que tudo parecesse assim. [...] (CHRISTIE, 2017, p. 163).

[...] Isto me levou a armar um esquema de palpites, isto é, colocar cada pessoa num lugar do caso Armstrong, da mesma maneira que um produtor organiza o elenco para uma peça. (CHRISTIE, 2017, p. 188).

Percebe-se que as duas obras trabalham, então, com uma encenação, seja ela em *Hamlet* pelos atores, ou em *Assassinato no Expresso do Oriente* pelos próprios passageiros do trem.

Outra característica similar é o fato de as obras refletirem sobre como age a justiça, pois as personagens, tanto em *Hamlet* quanto em *Assassinato no Expresso do Oriente*, estariam promovendo a justiça que a lei não conseguiu desempenhar, visto que Cláudio e Cassetti saíram impunes, a princípio, dos assassinatos que cometeram, pois ambos possuíam uma grande fortuna. Assim, se observa nos seguintes excertos, respectivamente do rei Cláudio e de Poirot:

REI: [...] Nas correntes corruptas deste mundo
As mãos douradas do delito podem afastar a justiça –
Como tanto se vê – o próprio lucro do malfeito
Comprando a lei. Mas não é assim lá em cima;
Ali não há trapaças. Lá a ação se mostra tal qual foi, [...] (SHAKESPEARE, 2017, Cena III, Ato III, p. 85).

Mais ou menos seis meses depois, este homem, Cassetti, foi preso como chefe da quadrilha que raptara a criança. [...] E, podem ficar certos, meus amigos, Cassetti era o cabeça. Mas, devido ao dinheirão que acumulara, e por conhecer os segredos de muita gente, livrou-se através de um erro processualístico. (CHRISTIE, 2017, p. 58).

Como percebe-se, em ambas as obras, de Shakespeare e Agatha Christie, Cláudio e Cassetti escapam da justiça, pois ambos têm riquezas, entretanto, em *Hamlet*, há a crença do próprio rei Cláudio de que a justiça será feita “lá em cima”, onde a lei terrena não intervém. Enquanto que, em *Assassinato no Expresso do Oriente*, as personagens não creem na justiça divina e cumprem, assim, eles mesmos a sentença, como pode-se ver mediante o discurso de Poirot:

Lembro-me de uma observação do coronel Arbuthnot sobre o júri e julgamento. Um júri se compõe de 12 pessoas: havia 12 passageiros, e Ratchett foi esfaqueado 12 vezes. [...] Ratchett escapou à Justiça nos Estados Unidos. Não havia dúvida sobre a sua culpabilidade. Visualizei um júri autodeterminado que o condenara à morte e que, pelas circunstâncias, acabara transformando-se também nos seus carrascos. (CHRISTIE, 2017, p. 191).

Dessa maneira, observa-se que enquanto em *Hamlet* acredita-se que a justiça será efetivada tanto na terra, com a morte do rei Cláudio, quanto no céu, a família e amigos de Daisy Armstrong creem que a justiça se cumpriu quando estes assassinaram Cassetti, ou seja, não há a indicação da crença em justiça divina.

Um outro aspecto que pode se correlacionar entre as obras é o fato de Hamlet conjecturar sobre ser uma pessoa desprezível, mau-caráter, vil, além de generalizar sua fala, levando a se supor que todos são assim, como nota-se no seguinte trecho:

HAMLET: [...] Que fazem indivíduos como eu rastejando entre o céu e a terra? Somos todos rematados canalhas, todos! [...] (SHAKESPEARE, 2017, Cena I, Ato III, p. 69).

E em *Assassinato no Expresso do Oriente*, os passageiros exprimem, então, a repulsa para com Cassetti, dado que este é um homem desonesto, desprovido de moral e desprezível, como segue nos excertos de MacQueen, Mrs. Hubbard e do Coronel Arbuthnot, nesta ordem:

Uma expressão de assombro tomou conta da face de MacQueen.
- O rato maldito! (CHRISTIE, 2017, p. 68).

- A senhora se lembra do rapto dos Armstrong, Mrs. Hubbard?
- Sim, senhor. E de como o canalha que organizou conseguiu escapar! Eu seria capaz de esganá-lo com minhas próprias mãos. (CHRISTIE, 2017, p. 81).

- Então, na minha opinião, o suíno mereceu o que recebeu. Embora eu preferisse vê-lo enforcado... ou eletrocutado, como se faz por lá. (CHRISTIE, 2017, p. 102).

Apesar dessa semelhança em comum, há a divergência de que em *Hamlet*, Hamlet considera a si como um ser desprezível, e em contrapartida, na obra de Agatha Christie, os passageiros se referem a Cassetti como um ser imoral. Ou seja, todavia haja uma conexão entre as obras no que diz respeito ao caráter canalha das duas personagens, há também a divergência no que tange ao direcionamento das personagens sobre esse caráter, sendo Hamlet expressando-se sobre si e os passageiros do trem discorrendo sobre Cassetti.

Subsequente a isso, outro fato que pode ser aludido entre as obras é o suicídio de Ofélia e do coronel Armstrong, pai de Daisy Armstrong. Na obra de Shakespeare, acredita-se que Ofélia, por causa da angústia de ter perdido o pai, se suicidou, como vê-se:

RAINHA: Uma desgraça marcha no calcanhar de outra,
Tão rápidas se seguem. Tua irmã se afogou, Laertes. (SHAKESPEARE, 2017, Cena VII, Ato IV, p. 116).

PRIMEIRO COVEIRO: Mas como vão enterrar numa sepultura cristã? Ela não procurou voluntária a sua salvação?

SEGUNDO COVEIRO: Eu te digo que sim; mas cava a cova dela bem depressa. O juiz examinou o caso e decidiu enterro cristão.

PRIMEIRO COVEIRO: Como é que pode ser? Só se ela se afogou em legítima defesa.

SEGUNDO COVEIRO: Parece que foi. (SHAKESPEARE, 2017, Cena I, Ato V, p. 118).

Na obra de Agatha Christie, observa-se que o ato de suicídio do coronel Armstrong foi causado pelo assassinato de Daisy, juntamente com a morte da esposa e do bebê que nasceu morto, assim se expõe no seguinte excerto de Poirot:

Mas o pior estava por vir. Mrs. Armstrong esperava outra criança, e, devido ao choque, deu à luz, prematuramente, uma criança morta. Ela morreu também. Seu marido, com o coração em pedaços, se matou. (CHRISTIE, 2017, p. 57).

Desse modo, observa-se que tanto Ofélia quanto o coronel Armstrong cometeram suicídio. Essa característica também se assemelha pelo fato de que Ofélia suicidou-se por causa do desgosto de perder seu pai, enquanto que o coronel Armstrong se suicida pela aflição de perder três membros de sua família, a filha, a esposa e a criança que já nasce morta. Assim, Ofélia, desgostosa com a morte de seu pai, se suicida, do mesmo modo que o coronel Armstrong, angustiado com a morte de seus entes queridos, suicida-se. Percebe-se, dessa maneira, que em *Hamlet*, a filha se suicida por causa do assassinato do pai, e em *Assassinato no Expresso do Oriente*, o pai se suicida por causa do assassinato da filha e mortes da esposa e do segundo filho.

Outro fato que se relaciona entre as obras se dá pela semelhança que há na sucessão de mortes dos familiares por causa de um assassinato. Em *Hamlet*, há a sequência de mortes após o assassinato de Polônio, em que Ofélia se afoga e Laertes, que também buscava vingança pelo assassinato de seu pai, morre na luta travada com Hamlet. Na obra *Assassinato no Expresso do Oriente*, o encadeamento de morte se dá a partir do assassinato de Daisy Armstrong, em que a mãe, o pai, a empregada e o bebê que estava para nascer falecem.

As mortes do rei Cláudio e de Casseti também podem ser relacionadas, pois, na obra de Shakespeare e de Agatha Christie, a morte dessas personagens ocorre pelo uso de artefatos semelhantes, lâminas cortantes que exigem do agressor proximidade da vítima ao atacar. Em *Hamlet* e em *Assassinato no Expresso do Oriente* as personagens, Cláudio e Casseti, são levadas a óbito, respectivamente, por um florete e por uma faca. Seguem-se os excertos das obras:

HAMLET: [...] Os floretes, senhores! Vamos lá! [...]

HAMLET: (*Experimenta o florete.*)

Este me serve. São todos do mesmo comprimento? (SHAKESPEARE, 2017, Cena II, Ato V, p. 135).

HAMLET: A ponta! Envenenada também!

Então, veneno, termina tua obra! (*Fere o Rei.*)

TODOS: Traição! Traição!

REI: Ai! Defendam-me ainda, amigos! Estou apenas ferido!

HAMLET: Toma, Rei maldito, assassino –

Incestuoso dinamarquês, acaba esta poção!

Engole tua pérola.

Segue minha mãe. (*O Rei morre.*). (SHAKESPEARE, 2017, Cena II, Ato V, p. 138)

- Não é bonito. Alguém deve ter ficado ali e apunhalado uma vez, duas vezes, três... Quantos ferimentos há exatamente?

- Conteí 12. Um ou dois são tão leves que parecem até arranhões. Pelo menos três outros poderiam ter causado a morte. (CHRISTIE, 2017, p. 49).

[...] Não gostou muito da ideia da faca, mas concordou ao verificar que ela resolvia vários problemas. (CHRISTIE, 2017, p. 195).

Além disso, outro fato que se relaciona na morte de Cláudio e Casseti é o uso de substâncias tóxicas, visto que em *Hamlet*, a ponta do florete, que o príncipe utiliza para matar o tio, fora envenenada por Laertes. Já em *Assassinato no Expresso do Oriente*, há o uso de uma substância para entorpecer Casseti para que os passageiros pudessem assassiná-lo. Assim, nota-se nos seguintes excertos:

LAERTES: [...] O instrumento traidor está em tua mão,
Sem proteção e envenenado. [...]

HAMLET: A ponta! Envenenada também! [...] (SHAKESPEARE, 2017, Cena II, Ato V, p. 137-138).

O médico pegou o copo vazio e cheirou-o.

- Eis a razão da imobilidade da vítima – disse.

- Drogas?

- Sim. (CHRISTIE, 2017, p. 52).

Observa-se, assim, que tanto o rei Cláudio quanto Casseti foram mortos, e suas mortes se relacionam nas obras pelo fato de o assassinato requerer um objeto que demanda proximidade da vítima para a execução deste, caso do florete e da faca, e também se assemelham pelo fato de serem usadas substâncias tóxicas contra as duas personagens. Porém a morte deles também acontece de forma divergente, na obra de Shakespeare, o rei Cláudio é morto com poucos golpes do florete. Já em *Assassinato no Expresso do Oriente*, vê-se que foram desferidos 12 golpes de faca na vítima. Desse modo, apesar de haver a semelhança dos assassinatos destes por ambos serem os assassinos de um dos familiares de quem está buscando vingança, há também a diferença com relação aos inúmeros golpes.

Percebe-se, por fim, que as duas obras possuem certas ligações, porém não deixam de ter disparidades também. Dessa forma, constata-se que não apenas a temática da vingança é comum entre as obras, mas também, a demora para realizar a vingança, os assassinatos, do rei Hamlet e de Daisy Armstrong, que precedem as obras e a descrição de seus homicídios como horrendos, a dramatização/encenação, a reflexão sobre a justiça, a riqueza e poder das personagens do rei Cláudio e de Cassetti, que escapam da justiça por corromperem a lei com esta riqueza, além de ser possível também considerar semelhantes o suicídio de Ofélia, em *Hamlet*, e de Susanne, em *Assassinato no Expresso do Oriente*, e as mortes do rei Cláudio e de Cassetti.

Com relação às diferenças entre as obras, observa-se que a principal divergência entre elas é o gênero destas, visto que são muito distintos. *Hamlet* faz parte do gênero dramático, mais especificamente sendo uma tragédia de vingança, enquanto que *Assassinato no Expresso do Oriente* faz parte do gênero romance policial, mais exclusivamente sendo um romance enigma. Outras dessemelhanças podem ser observadas na oportunidade de Hamlet se vingar diferentemente da família e amigos de Daisy Armstrong, na oposição do número de vingadores, sendo um em *Hamlet*, o príncipe Hamlet, e doze em *Assassinato no Expresso do Oriente*, com a família e amigos de Daisy Armstrong, além disto, há também o contraste entre a reivindicação de vingança na obra de Shakespeare e o desejo de vingar-se na obra de Agatha Christie, a encenação de atores de teatro versus a encenação das próprias personagens e também a crença da justiça terrena em contraposição a justiça divina.

Percebe-se, também, que, por mais que as obras sejam uma peça de teatro, próprio para encenação, e um romance policial, ambas podem ser dramatizadas. Em sua *Autobiografia*, Christie (2017, p. 477) afirma que:

Uma obra policial é muito diferente de uma obra de dramaturgia e, portanto, mais difícil de adaptar do que qualquer outro gênero literário. O enredo é mais intrincado e contém, em geral, personagens e pistas falsas que podem facilmente confundir e sobrecarregar a narrativa.

Acredita-se, portanto, que, apesar de serem gêneros distintos, as obras se relacionam e possuem diversas semelhanças, mesmo possuindo disparidades entre elas também.

Dessa forma, observa-se que Shakespeare é uma grande influência para outros escritores, dentre eles, Agatha Christie, tal como pode-se notar o apreço da autora na obra *Autobiografia*:

Não existe erro maior na vida do que ver ou ouvir coisas *no momento errado*. Shakespeare perdeu-se para muita gente por terem tido de estudá-lo na escola: Shakespeare deve ser apreciado no palco; ele escreveu para ser visto. Ali é possível admirá-lo mesmo quando se é muito jovem, muito antes de se poder apreciar toda a beleza de linguagem e poesia. (CHRISTIE, 2017, p. 172-173, grifo da autora).

Desse modo, crê-se que Agatha Christie teve influência das obras de Shakespeare, podendo observar-se isso na comparação entre as duas obras aqui analisadas, *Hamlet* e *Assassinato no Expresso do Oriente*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção desta pesquisa fez-se uma breve explanação sobre a literatura comparada, considerando que esta é um excelente recurso que auxilia na comparação de semelhanças e divergências entre obras literárias, visto que tem como finalidade confrontar dois ou mais textos. No caso desta pesquisa, comparou-se a peça teatral *Hamlet*, de William Shakespeare, e o romance policial *Assassinato no Expresso Oriente*, de Agatha Christie, sob a perspectiva da vingança, tema presente em ambos os enredos.

Observou-se, também, que a literatura comparada possibilita a comparação até mesmo de gêneros distintos, dado que nesta pesquisa foram utilizadas uma obra do gênero dramático, mais especificamente uma tragédia e uma obra do gênero romance policial, mais estritamente um romance enigma.

Acredita-se que, a partir da literatura comparada, pode-se verificar a influência de uma obra sobre outras, visto que é possível perceber correlações entre as duas obras analisadas, o que leva a acreditar que por ser Shakespeare um grande poeta e dramaturgo, muitos autores se inspiraram em seus escritos, tal como acontece com Agatha Christie em sua obra.

Esta pesquisa também versou sobre o gênero dramático e a necessidade do homem em representar a si e a outros, demonstrando por meio desta representação os valores sociais de sua época. Assim, *Hamlet* faz parte do gênero dramático por ter seu enredo escrito para ser dramatizado, entretanto, não deixa de ser uma obra para ser lida e apreciada por toda a sua riqueza e potencial.

Do mesmo modo, realizou-se uma análise a respeito da obra de Agatha Christie, *Assassinato no Expresso do Oriente*, demonstrando que esta adentra o gênero romance policial, que tem seu próprio mundo com crimes e investigações, e, mais especificamente, a obra da Dama do Crime corresponde ao romance enigma, por contar com características como a investigação de um assassinato e a presença de um detetive e uma vítima.

A partir disso, analisou-se a vingança como tema central em ambos os textos. No decurso da análise, percebeu-se que em *Hamlet*, a vingança se dá pelos atos do jovem príncipe Hamlet, que vinga-se do assassino de seu pai, o rei Cláudio, e demonstra ao longo da trama o bem elaborado plano para executar a punição e, por

fim, livrar a Dinamarca do reino corrupto liderado pelo rei Cláudio. Em *Assassinato no Expresso do Oriente*, a vingança é realizada pela família de Daisy Armstrong, que havia sido sequestrada e assassinada por Casseti, neste caso, a vingança é planejada e executada pelos doze passageiros do Expresso Oriente. Assim, na obra de Agatha Christie, a vingança se dá como uma forma de cumprir com a sentença da qual Casseti escapara, evitando que possíveis futuros assassinatos, como o de Daisy, acontecessem.

Além disso, a pesquisa objetivou analisar e investigar semelhanças e diferenças entre as duas obras. As similitudes são vistas mediante o tema principal das obras, a vingança e o desejo de executá-la, a demora em executar a vingança, por conta de um plano bem tramado, os assassinatos do rei Hamlet e de Daisy Armstrong que precedem o início das obras, mas que são relatados durante o enredo, levando a perceber que a vingança foi uma forma de fazer justiça aos inocentes, além de perceber-se semelhanças na dramatização/encenação das personagens, no privilegiado status social de Cláudio e Casseti, e nos suicídios de Ofélia e do coronel Armstrong. As disparidades, por sua vez, foram observadas nos seguintes elementos: no gênero das obras literárias, sendo uma tragédia e outra um romance policial; na oportunidade das personagens em executar a vingança, pois Hamlet tem a oportunidade de matar Cláudio enquanto ele reza, divergentemente da família Armstrong, que apenas tem a oportunidade quando Casseti é levado a viajar no Expresso do Oriente; na quantidade do número de vingadores; na reivindicação *versus* o desejo de vingança; além de serem díspares a encenação de atores, em *Hamlet*, e dos próprios passageiros, em *Assassinato no Expresso do Oriente*.

Comprova-se, desse modo, que uma obra causa influência em outra, mesmo que indiretamente, e neste caso, percebe-se que Agatha Christie, ao admirar Shakespeare, utiliza-se de algumas características da tragédia shakespeariana para produzir sua obra, sem deixar, no entanto, de demonstrar a magnitude na produção de um romance policial.

Assim, crê-se que esta pesquisa abre caminhos para futuras indagações e explorações de semelhanças e divergências entre obras de William Shakespeare e de Agatha Christie. Além disto, poder-se-ia desenvolver um estudo acerca dos filmes *Hamlet* e *Assassinato no Expresso do Oriente*, dando ênfase à tradução intersemiótica ou de outros elementos que possam permear as duas obras.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Julie. **Rethinking retrospection**: temporality and criminality in Christie's detective fiction. *Explorations: The UC Davis Undergraduate Research Journal*, Vol. 14. 2011. Disponível em <<http://explorations.ucdavis.edu/docs/2011/aguiar.pdf>> Acesso em: 14 out. 2018.

BERNARD, Claudie. The mixed-blood settles scores: the question of racial justice in *Georges* by Alexandre Dumas. In: ESCANDELL MONTIEL, Daniel; BIBB, Sheila C.. **Best Served Cold**: studies on revenge. Inter-Disciplinary Press, Oxford, United Kingdom, 2010. p.41-47.

BOYCE, Charles. **Shakespeare A to Z**: the essential reference to his plays, his poems, his life and times, and more. New York: Roundtable Press, 1990.

BRADLEY, Andrew C. **Shakespearean tragedy**: lectures on Hamlet, Othello, King Lear, and Macbeth. London: MacMillan and Co., 1937.

CARVALHAL, Tânia F. **Literatura comparada**. São Paulo, SP: Ática, 1986.

CHRISTIE, Agatha. **Assassinato no Expresso do Oriente**: um caso de Hercule Poirot. Tradução de Archibaldo Figueira. 1.ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.

CHRISTIE, Agatha. **Autobiografia**. Tradução de Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2017.

ESPER, Lúcio. Aspectos do trágico em Hamlet: desapego e sacrifício. In: CAMATI, Anna S.; MIRANDA, Célia A. de. (Orgs.). **Shakespeare sob múltiplos olhares**. Curitiba: Ed. Solar do Rosário, 2009. p. 145-162.

HELIODORA, Barbara. **Falando de Shakespeare**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANPHER, Ann Park. **The problem of revenge in medieval literature**: Beowulf, The Canterbury Tales, And Ljósvetninga Saga. 197 f. 2010. Tese de Doutorado. University of Toronto. 2010. Disponível em <<https://tspace.library.utoronto.ca/handle/1807/24360>> Acesso em: 14 out. 2018.

LINS, Álvaro. **No mundo do romance policial**. São Paulo: Ministério da Educação e Saúde: Serviço de Documentação, 1953. (Os Cadernos de Cultura).

MASSI, Fernanda. **O romance policial do século XXI**: manutenção, transgressão e inovação do gênero. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MASSI, Fernanda. **O romance policial místico-religioso**: um subgênero de sucesso. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MASSI, Fernanda; CORTINA, Arnaldo. A sanção cognitiva e a sanção pragmática nos romances policiais da década de 1970. **Estudos Semióticos**, n. 4, 2008. Disponível em < <http://www.journals.usp.br/esse/article/view/49209/53293>> Acesso em: 14 out. 2018.

MIYASHITA, Yayoi. **Hamlet vs Claudius**: a structural analysis of Hamlet's "tardiness". The Annual Report on Cultural Science, Hokkaido Univ. 2013. p. 35-79. Disponível em <https://eprints.lib.hokudai.ac.jp/dspace/bitstream/2115/53609/1/02_MIYASHITA.pdf> Acesso em: 14 out. 2018.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. 3. ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2010.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro?** 6.ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1984.

REIMÃO, Sandra L. **O que é romance policial**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTOS, Marlene S. dos. A dramaturgia shakespeariana. In: LEÃO, Liana de C.; SANTOS, Marlene S. dos. **Shakespeare, sua época e sua obra**. Curitiba: Editora Beatrice, 2008. p.165-206.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2017.

TAI, Kuo-Ping C. A self-destructive path to dead end: an exploration on revenge in Wuthering Heights. In: ESCANDELL MONTIEL, Daniel; BIBB, Sheila C. **Best Served Cold**: studies on revenge. Inter-Disciplinary Press, Oxford, United Kingdom, 2010. p.71-78.

UBERSFELD, Anne. **Para ler o teatro**. Tradução José Simões. São Paulo: Perspectiva, 2005.